

Jardim
suspensivo
Abel Neves

SEXTANTE EDITORA
TEATRO



Jardim suspenso
Abel Neves

Publicado em Portugal por:
Sextante Editora

© Instituto Camões, 2010
© Sextante Editora, 2010

Design da capa: Atelier Henrique Cayatte
com Susana Cruz

1.ª edição: Abril de 2010

Sextante Editora é uma chancela da
Porto Editora, Lda.
Email: editorial@sextanteeditora.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição Porto Editora, Lda.

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica Bloco Gráfico, Lda.
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 509883/10
ISBN 978-989-676-045-8

Em 2006, no âmbito de um protocolo de parceria assinado entre o Instituto Camões, o Teatro Nacional D. Maria II, a Direcção-Geral das Artes e a Fundação Nacional de Arte do Brasil (Funarte), foi instituído o Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva, o qual se constituiu como a maior iniciativa do género, no contexto da dramaturgia dos dois países.

Destinado a premiar textos teatrais inéditos de todos os géneros dramáticos, e podendo a ele concorrer cidadãos portugueses e brasileiros, o prémio compreende a atribuição de um montante no valor de 15 mil euros, a edição, em Portugal e no Brasil, do texto galardoado e, ainda, a sua representação em ambos os países.

Na sequência da primeira e da segunda edições, cujos vencedores foram, respectivamente, José Maria Vieira Mendes (Portugal), com a peça *A Minha Mulher*, e Fábio Mendes (Brasil), com o texto *The Cachorro Manco Show*, a terceira edição premeia, a 13 de Outubro de 2009, a presente peça de Abel Neves.

JARDIM SUSPENSO

TEXTO VENCEDOR DA 3ª EDIÇÃO DO PRÉMIO LUSO-BRASILEIRO
DE DRAMATURGIA ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

TEXTO DE ABEL NEVES
ENCENAÇÃO ALFREDO BRISSOS

ENÁRQIO E FIGURINOS MARIA JOÃO CASTELO
DESENHO DE LUZ PAULO SABINO
CINOPLASTIA HUGO FRANCO
CORPORALIDADE LUCA APREA
COM CARLA CHAMBEL, CARLOS OLIVEIRA,
ARMEN SANTOS, LUCIANA RIBEIRO,
MANUEL COELHO E SIMONE DE OLIVEIRA
MARÇERIA FUNARTE, DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES,
INSTITUTO CAMÕES E TNDM II M/12

SALA
ESTÚDIO

29 ABR < 30 MAI



TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

FUNARTE
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES

Ministério
da Cultura



das ARTES
INSTITUTO CAMÕES
PORTUGAL

IC

RTP

HOTEL PHARO magnum

Marina Cruz



TRICANA



Vitalis



Lisboa

MC

MINISTÉRIO DA CULTURA

Personagens

Mariana

Alberto

Lucinda

Luzia

Mateus

Paula

Entrada do manjerico

Luz de fim de tarde. Um dispositivo de madeira nobre em «U» (a frente aberta para o público), de baixa altura, que funciona como banco corrido e com uma abertura central em cada um dos três lados. Chão coberto de areia, bem alisada e com uma composição de algumas pedras, poucas, a fazer lembrar um despojado jardim *zen*. Entra Mariana com Alberto, elegantemente vestidos. Ela traz um vaso pequeno de barro com manjerico. Delicadamente, Alberto coloca sobre os ombros da mãe um casaco imitando pele de *vison*. Ela vem a fumar.

Mariana

Estava cansada. Foram muitas horas seguidas a olhar para o palco. Dirigem-se para um dos bancos, andando sobre a areia, que ele tem relutância em pisar. Ela baixa-se, apaga o cigarro na areia e fica com ele apagado na mão, sem saber onde deixá-lo. Alberto pega no cigarro, passa-o de novo na areia, confirma que está apagado, e guarda-o no seu bolso do casaco. Mariana senta-se. Olha para cima, suspira. Ele olha em volta. Podia muito bem ter fechado os olhos e continuar a ouvir a música, mas não seria simpático. As pessoas reparam. Gostaste?

Alberto

Já sabes que não gosto muito de ópera.

Mariana

Não gostas muito? Gostas pouco? Esta coisa de não dizer nada quando se diz gosto... gosto muito, gosto pouco, gosto nada... adorei! Antigamente... Breve pausa. Antigamente nada. Pausa. Eu também era assim... com o teu pai. Não precisava de dizer nada. Ele dizia tudo. Eu entusiasmava-me sempre com o modo como ele gostava das coisas, do modo como falava delas. A inteligência ficava mais viva. Ele dizia não sei o quê a propósito de qualquer coisa e eu sentia a inteligência a estalar de prazer. Não deves saber o que isso é... a inteligência a estalar de prazer. O teu pai falava como ninguém. Adorava falar, abria as palavras, fazia com que delas saíssem coisas inesperadas. Sabia dar-lhes a cor que têm se forem ditas com gosto. Já não temos o prazer de falar, é isso, e escondemos o colorido que há nas palavras, mesmo naquelas que muitas vezes são difíceis de ouvir por serem ásperas ou feias. Se soubermos estar atentos e escolher as melhores palavras para o que queremos dizer, mas há muita pressa no mundo, muita pressa. É preciso dar atenção especial aos outros. Quem é que está capaz de dar atenção aos outros? A paciência, meu filho, a paciência é uma arte do passado, do antigamente. Breve pausa. O teu pai tinha cuidado com o que dizia para não me assustar. Sorri. Sabia que eu não era muito inteligente.

Alberto

Disparate!

Mariana

Eu deixava que ele pensasse assim, e até que o dissesse. Brincávamos. Breve pausa. Tudo passou. Pausa. Olha em volta, para o chão. Então... é isto. Ele acena com a cabeça, afirmativo. Acho que vou gostar, mas preciso de outra luz. Não era melhor esperar pelos outros?

Alberto

Esperamos, sim. Escuta. Lá está o vizinho com as obras, nunca pára quieto, ouves? Ela acena com a cabeça dizendo que não. É maníaco. Só está bem a martelar, a fazer furinhos com o berbequim. Esta noite até sonhei com brocas que me furavam os ouvidos.

Mariana

Podia ter vindo mais tarde.

Alberto

Foste tu que insististe, mãe. Quiseste vir antes dos outros.

Mariana

Fiz mal?

Alberto

Não interessa, mas seria mais simpático esperar pelos outros. Breve pausa. Sempre pensei que antes de entrar quisesses olhar para isto... olhar para isto com outros olhos.

Mariana

Engraçado... não tenho frio. Nem se percebe. De manhã está assim o tempo húmido, mas com sol. À sombra fica fresco, depois há o vento, uma pessoa nem sabe o que há-de vestir. Mas está frio, não está?

Alberto

Não.

Mariana

Olhando as mãos. Tenho de tratar das mãos. Mostrando-as. O que é que achas? Ele encolhe os ombros. Tens frio? Agasalha-te.

Alberto

Estou bem.

Mariana

Devias ter trazido mais qualquer coisa.

Alberto

Não te preocupes. Estou bem. Não estás bem?

Mariana

Eu é diferente. Breve pausa. Onde foi que comprei este casaco, lembras-te?

Alberto

Trouxeste da tua viagem a Itália com o pai.

Mariana

Foi? Devia lembrar-me, não? Tens a certeza?

Alberto

Não levaste nenhum casaco e quando voltaste trazias o *vison*.

Mariana

Imitação. Sou incapaz de andar com peles verdadeiras.

Alberto

Boa imitação, engana bem. Quem não saiba, o que é que pensará de ti?

Mariana

Faz-me impressão ver-te assim. Ao menos um agasalho, podias ter trazido um agasalho. Ele desvia a atenção. Não digo mais nada, fica descansado.

Alberto

Para ti continuo a ser um menino, não há nada a fazer.

Mariana

Disse que não digo mais nada. Breve pausa. Esperamos?

Alberto

Sim.

Mariana

A Matilde ficou de me arranjar uns pezinhos de funcho.

Alberto

Quem é a Matilde?

Mariana

Uma amiga. Não conheces.

Alberto

Não conheço?

Mariana

Não. Tem uma estufa maravilhosa.

Alberto

Estás sempre a mudar de assunto.

Mariana

Eu mudo de assunto?

Alberto

Mudas.

Mariana

Tu é que ficas inquieto se estivermos algum tempo a falar do mesmo assunto.

Alberto

Vínhamos a falar do jardim e de repente saltaste para a ópera.

Mariana

Mas se acabámos de sair da récita! Vocês deviam ouvir mais música, é o que eu acho.

Alberto

Sorrindo. Vocês, quem?

Mariana

Vocês, todos. Estão todos a precisar de ouvir música. Ouvir, percebes? Fechar a boca e abrir os ouvidos até onde for possível. Abrir... abrir... deixar entrar os sons. Uma perguntinha, meu filho: até hoje quantas vezes te dispuseste a ouvir? Uma pessoa, por exemplo, sentada, como eu estou agora, e simplesmente a ouvir... sem pensar em nada. Ouvir... é tão bom saber ouvir. Pausa. Alberto senta-se. Há pessoas que nem sequer se dão conta de que ainda vivemos com árvores e que as árvores têm pássaros e que os pássaros cantam. Até as folhas! Diz-me, sinceramente: alguma vez te sentaste, como agora, só para ouvir qualquer coisa? Breve pausa. Se ouvirmos bem, respiramos melhor. Pausa. Indicando o manjerico que tem na mão. Onde é que eu ponho isto? Às tantas o melhor era tê-lo deixado no carro.

Alberto

Tinha-te dito que o jardim não ia ficar bem igual aos outros.

Mariana

Tem de ser mudado de vaso. Se calhar devia ter trazido era uma pedra. Achas que teria sido melhor trazer uma pedra? Incapaz de sorrir, Alberto olha-a fixamente. Mariana passa a mão sobre o manjerico e leva-a ao nariz. Uhhmm... o pai é que gostava muito de filete de salmão marinado com folhinhas de manjerico.